



Lugar e Memória: Memórias Submersas e Planejamento Urbano

Lugar y Memoria: Memorias Sumergidas y Planificación Urbana

SIMPÓSIO E1_05: INFRAESTRUTURAS HÍDRICAS, URBANIZAÇÃO E INTERESCALARIDADE

Débora Antunes Pereira¹

Doutoranda em Planejamento Urbano e Regional, Universidade do Vale do Paraíba, Brasil.
debborah08@gmail.com

Resumo: Este trabalho consiste em um estudo de caso sobre os impactos socioespaciais da Usina Hidrelétrica de Paraibuna, cuja construção se deu entre 1964 e 1978. Para a implantação desse empreendimento, foram necessárias duas barragens: uma no Rio Paraibuna e outra no Rio Paraitinga, ambas localizadas na formação do Rio Paraíba do Sul, no interior do estado de São Paulo, na atual Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN). Como consequência, parte dos territórios de três municípios foi inundada: Paraibuna, Redenção da Serra e Natividade da Serra. Destes, os dois últimos tiveram seus centros urbanos deslocados, motivo pelo qual foram escolhidos como recortes geográficos deste estudo. Tendo como foco a memória dos deslocados e os impactos decorrentes desse processo, foram realizadas entrevistas com ex-moradores das cidades inundadas. Constatou-se que, apesar das diferentes percepções sobre a construção da hidrelétrica e seus efeitos, há similaridades nos depoimentos — especialmente a saudade da antiga forma de vida e o sentimento de tristeza pela submersão das cidades. Conclui-se que a falta de diálogo e de informações entre o governo federal da época e os municípios, bem como as decisões tomadas de forma verticalizada — “de cima para baixo” —, desconsiderando as populações deslocadas, resultaram em um processo de luto coletivo pela perda do lugar de origem, sem que houvesse compreensão plena do significado desse deslocamento. Essa ausência de pertencimento ao novo espaço levou à criação de símbolos e monumentos nos novos centros urbanos, como forma de rememorar as cidades submersas.

Palavras-chave: Hidrelétrica, Memória, Lugar, Deslocamento.

¹ Este trabalho é orientado pelos Professores Doutores Lidiane M. Maciel (Univap) e Bruno Puga (UNIFESP).

Resumen: *Este trabajo consiste en un estudio de caso sobre los impactos socioespaciales de la Central Hidroeléctrica de Paraibuna, cuya construcción se llevó a cabo entre 1964 y 1978. Para la implantación de este emprendimiento, fueron necesarias dos represas: una en el río Paraibuna y otra en el río Paraitinga, ambas ubicadas en la formación del río Paraíba do Sul, en el interior del estado de São Paulo, en la actual Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN). Como consecuencia, parte de los territorios de tres municipios fue inundada: Paraibuna, Redenção da Serra y Natividade da Serra. De estos, los dos últimos tuvieron sus centros urbanos desplazados, razón por la cual fueron elegidos como recortes geográficos de este estudio. Con el foco puesto en la memoria de las personas desplazadas y en los impactos derivados de este proceso, se realizaron entrevistas con exhabitantes de las ciudades inundadas. Se constató que, a pesar de las diferentes percepciones sobre la construcción de la hidroeléctrica y sus efectos, existen similitudes en los testimonios —especialmente la nostalgia por la antigua forma de vida y el sentimiento de tristeza por la sumersión de las ciudades—. Se concluye que la falta de diálogo y de información entre el gobierno federal de la época y los municipios, así como las decisiones tomadas de manera vertical —“de arriba hacia abajo”—, desconsiderando a las poblaciones desplazadas, dieron lugar a un proceso de duelo colectivo por la pérdida del lugar de origen, sin que existiera una comprensión plena del significado de dicho desplazamiento. Esta ausencia de sentido de pertenencia al nuevo espacio condujo a la creación de símbolos y monumentos en los nuevos centros urbanos, como forma de rememorar las ciudades sumergidas.*

Palabras-clave: *Hidroeléctrica, Memoria, Lugar, Desplazamiento.*

Introdução

O Brasil, que é um País onde sua fonte de energia se deriva principalmente da energia gerada por hidrelétricas (48,04% da geração de energia gerada no Brasil vem das UHE²), faz com que o caso da UHE Paraibuna não seja único ou isolado, muito se tem debatido sobre a problemática de grandes construções de hidrelétricas e como elas impactam principalmente comunidades tradicionais e vulnerabilizadas.

Obra localizada entre os municípios de Paraibuna, Redenção da Serra e Natividade da Serra, inundou parte da área rural de Paraibuna e os centros urbanos e alguns bairros rurais de Redenção da Serra e Natividade da Serra. Por conta da construção da barragem foi necessário deslocar diversos moradores dos três municípios.

Com o intuito de melhor aproveitamento da bacia hidrográfica do Alto Paraíba foi decidido na década de 1960, pelo Governo Federal, a construção da Usina Hidrelétrica (UHE) de Paraibuna. As obras das barragens inundaram partes de três municípios no interior do estado de São Paulo, localizado na região do Vale do Paraíba, a obra de construção ocorreu entre os anos de 1964 a 1978.

Em nosso estudo de caso com os deslocados dos municípios de Redenção da Serra e Natividade da Serra, o objetivo da pesquisa foi a captura das memórias referentes aos antigos lugares, para entender sua relação com os novos lugares. As entrevistas foram realizadas no ano de 2021, compondo parte da construção da dissertação de mestrado intitulada: “Lugar e Memória: Análise do Impacto Socioespacial do Deslocamento dos Moradores das Cidades de Natividade da Serra e Redenção da Serra em 1973-1974” defendido em 2022 no programa de Planejamento Urbano e Regional pela Universidade do Vale do Paraíba (Univap).

A problemática levantada foi referente ao sentimento de pertencimento entre os moradores deslocados com as novas localidades, a frase “sou da cidade velha e não daqui” apareceu frequentemente durante o levantamento de campo da pesquisa.

A metodologia abordada é qualitativa e exploratória, foram realizadas entrevistas com 7 deslocados pela construção dos represamentos dos rios Paraibuna e Paraitinga, 3 dos entrevistados eram moradores de Natividade da Serra e 3 eram moradores de Redenção da Serra, e 1 era morador de Paraibuna no qual acompanhou o processo de deslocamento. As entrevistas foram analisadas pelo método da História Oral de Thompson (1998), sendo um questionário semiestruturado com 9 perguntas. Também foi realizada a netnografia, a partir do autor Kozinets (2014), no qual foi focado em duas páginas do *Facebook* criados por ex-moradores para compartilhar suas memórias de como eram os antigos lugares.

Este trabalho traz, portanto, uma reflexão sobre os dados levantados nas entrevistas qualitativas para dar voz aqueles que sofreram com as consequências diretas da construção da UHE Paraibuna. Considerando que nas cidades construídas para abrigar aqueles que tiveram que se deslocar abrigar não apenas na memória de seu povo, mas também em sua característica remanescentes da cidade submersa.

² ANEEL, 2025 Disponível em:

(<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoieGE3NjVmYjAtNDZkZC00MDY4LTliNTItMTVkZTU4NWYzYzFmIiwidCI6IjQwZDZmOWI4LWVjYUctNDZhMi05MmQ0LWVhNGU5YzAxNzBIMSIsImMiOiR9>) Acesso: 11 de out.2025

Construção da UHE Paraibuna

Ao longo dos 14 anos de construção da UHE Paraibuna (1964 à 1978), foram construídas 8 barragens para o represamento dos Rios Paraibuna e Paraitinga. Apesar da construção se iniciar em 1964, planos anteriores já eram traçados, principalmente a partir das pesquisas realizadas para o melhor aproveitamento do Alto Paraíba na década de 1930.

Houve alguns planos descartados também, como por exemplo a polêmica UHE de Caraguatatuba (Kühl, 1995), que foi descartada principalmente por causa do ambicioso plano de reverter as águas do Rio Paraíba do Sul sentido ao litoral, “Serra do Mar abaixo”. Entretanto isso iria afetar diretamente o abastecimento de água do Vale do Paraíba paulista e fluminense.

Chegando ao projeto da UHE Paraibuna, que tinha três prioridades: 1- diminuição das enchentes no Vale do Paraíba Paulista; 2 - diminuição da seca no Vale do Paraíba fluminense; e 3- Geração de energia elétrica. Dessa forma, a principal função da UHE Paraibuna é o controle de vazão de água e não a geração de energia.

No período de construção da UHE Paraibuna, não houve grandes movimentos para a mitigação dos impactos diretos na população deslocada, mas houve diversas preocupações em relação aos impactos ambientais da construção, resultando até mesmo na construção de uma Plano Diretor do Reservatório de Paraibuna, sendo selecionado como um dos trabalhos representantes do Brasil na ECO 92 - Conferência Mundial para a Conservação do Meio Ambiente.

Outra ação de destaque da CESP foi o desenvolvimento do Plano Diretor do Reservatório de Paraibuna. Este trabalho, pioneiro no Setor Elétrico, foi publicado pela primeira vez em 1987, tendo sido republicado em versão bilíngüe, inglês/português, em 1992, especialmente para a ECO 92 - Conferência Mundial para a Conservação do Meio Ambiente. (O Plano Diretor de Paraibuna foi um dos doze trabalhos selecionados para representar o Brasil nesse evento) (AGEVAP, p.22, 2007).

Para a construção não houve um levantamento de quantas pessoas foram deslocadas, o único levantamento foi sobre quantas propriedades foram afetadas e assim indenizadas, e a área total alagada em cada município. No município de Paraibuna foi alagado apenas bairros rurais, em Natividade da Serra foi inundado todo centro urbano e parte da zona rural e em Redenção da Serra 70% do centro urbano e partes da zona rural.

Como demonstrado na Tabela 1, com os dados retirados dos relatórios da Associação Pró-Gestão das Águas da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul (AGEVAP), podemos comparar as áreas totais de cada município com a área alagada. Sendo Natividade da Serra com um percentual de 14,2% de sua área total alagada e 645 propriedades afetadas, o município que mais foi afetado pela inundação. Sendo também Natividade da Serra o único município dos três inundados a perder 100% do seu centro urbano inundado.

Município	Área total (Km²)	Área alagada (Km²)	%	Nº de propriedades afetadas
Paraibuna	735	70	9,5	279

Natividade da Serra	848	120	14,2	645
Redenção da Serra	317	20	6,3	345
Total	1.900	210	11,1	1.269

Tabela 1: Áreas alagadas e propriedades afetadas com a instalação da usina nos municípios de Paraibuna, Natividade da Serra e Redenção da Serra. Fonte: AGEVAP, p. 19, 2007.

Para a construção do represamento foi necessário deslocar os moradores dos locais que seriam ser alagados e de seus arredores, uma vez que o volume do lago represado se altera de acordo do período do ano, considerando que na época de chuva ele sobe de volume e nas épocas de seca esse volume tem queda. Segundo os depoimentos relatados na pesquisa realizada em 2021, os moradores tinham pouco conhecimento sobre esses fatores.

Visão dos entrevistados em relação ao processo de deslocamento

A pesquisa base para elaboração deste trabalho se utilizou da metodologia de história oral para compreender a visão daqueles que foram deslocados e assim encontrar as histórias ocorridas para além dos documentos oficiais, de acordo com Pollak (1989) “a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominada, se opõem à memória nacional” (Pollak, 1989, p.4).

Entendendo que os relatos dos entrevistados são um recorte de suas memórias de um passado no qual apenas aquele indivíduo pode descrever com toda sua subjetividade e opiniões. Se faz necessário salientar que esses participantes de pesquisas responderam adultos sobre lembranças de sua infância/adolescência. Trazendo principalmente memórias de seus lugares favoritos quando crianças e suas brincadeiras nas antigas cidades onde moravam. Como descreve Bosi (1979), “Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. (p.71)”.

Sobre a chegada e forma que os moradores deslocados foram informados sobre a construção dos represamentos, a PP3 relembra que havia boatos antigos sobre uma possível construção de hidrelétrica, e como essa hidrelétrica de fato nunca chegou, a população começou a acreditar que ela não viria mais.

Olha, a construção da barragem, o pessoal já falava desde 1920 que viria a inundação para Redenção e Natividade, só que ninguém acreditava nessa história porque muitos anos se passaram e existia esse boato que viria a represa, né!? Um reservatório na verdade. E que iria inundar a cidade, mas o povo não acreditava nisso, mas quando foi na década de 60, aí começou a ficar mais forte o comentário, e veio a notícia né!? Para a população, de que realmente iria ser feito a inundação da cidade. (PP3, Mulher, professora, 53 anos, 2021, *apud*, Pereira, p. 63, 2022)

Para haver a inundação, alguns moradores foram indenizados para sair de suas casas, e assim as casas poderiam ser destruídas ou desconstruídas (e assim os moradores pudessem reutilizar os

materiais da antiga casa para construir a nova, em um novo local). Mas não foram todos que receberam essa indenização, como explica PP5

Eu não sei né, porque agora a gente não tá lá mais, daí que podia ser, porque daí gente queria receber né? O que era da gente né? Meu pai, perdeu uma porção de coisas lá também né? Ninguém recebeu... não pagou nada. Nois também ficou, o terreno da minha sogra também ficou lá, dentro da água, também, ninguém recebeu. Aí se fosse assim a gente teria que receber, pra deixar né? Mas ninguém, ninguém deu nada. Conseguiu, alguém de lá, disse que conseguiu né? Mas acho que muito não, acho que muito não. Não conseguiram não sei porque, porque disse que era pra pagar, nós tudo era pra receber. Mas aí viemos embora pra cá (Paraibuna), ficou pra lá, e foi, foi indo ninguém mexeu com nada né? Fico, daí fico. Agora os outros diz que colocou advogado aí recebeu um pouco, as outras pessoas diz que recebeu. Agora o nosso não sei. (PP5, mulher, aposentada, 79 anos, 2021, *apud*, Pereira, p. 64, 2022)

Sobre as indenizações, o PP4 explica que o valor dado não era referente ao terreno, mas sim referente às construções que haviam no terreno.

Porque é... as casas, os imóveis foram avaliados pra poder pagar a indenização né? Que na verdade, tinha muito pouco para ser indenizados né? As casas eram muito precárias, casas de pau-a-pique e taipa, entendeu? (PP4, homem, jornalista, 61 anos, 2021, *apud*, Pereira, p. 64, 2022)

PP4 demonstra na próxima fala da entrevista como foi a transição dos moradores entre a cidade velha de Redenção da Serra e a nova cidade de Redenção da Serra, e como foi essa ambientação e o sentimento de tristeza de deixar a antiga cidade a caminho da nova cidade.

Já havia várias construções na cidade nova, as pessoas, por exemplo, as aulas ainda eram na cidade velha e as pessoas moravam na cidade nova, então havia um fluxo de pessoas no final da tarde indo pra cidade velha pra estudar, e a noite voltando pra casa, que já era aqui em cima na cidade nova, entendeu? E eu acompanhava isso porque aí, nessa época, eu já morava em outro... eu continuava na zona rural, mas no outro lado, então é... que já era, já no caminho de Natividade, então a gente... eu vinha junto com as pessoas né? O pessoal vinha da cidade velha para a cidade nova, a noite por exemplo, eu vinha junto. Mas eu acompanhei essa transição, a destruição das casas, do pessoal juntando o material e trazendo da cidade velha, o início da construção da cidade velha, da cidade nova! Desculpe. Eu acompanhei toda essa transição. Os amigos meu que tinham casa lá na cidade velha e que foi mudado pra cá na cidade nova, como é que foi esse processo. Há um certo desespero, uma certa apreensão que isso causava nas pessoas, porque a água literalmente estava batendo a porta de muita gente, e as pessoas de repente não tava conseguindo construir aqui na cidade nova, porque como eu disse o dinheiro da indenização era muito pouco, e se aproveitou bastante coisa, material... quem tinha muito material pra aproveitar, da cidade velha, para aproveitar aqui na cidade nova, entendeu? Então a cidade na verdade, nesse período de transição, houve um período que conviveu né? Sabe? Ao lado... a cidade nova com a cidade velha tinha uma convivência, e o cenário da cidade velha eles tinha uma convivência, no cenário da cidade velha nesse período, era um cenário de destruição, sabe? Da escola... Eu vi por exemplo a escola sendo destruída, eu vi o cinema da cidade

velha sendo destruído, sabe? As casas... De repente quase todas as casas caíram, só algumas só que ficaram, que ainda, ficaram em pé. Eu assisti tudo isso. Entendeu? E realmente foi um período, uma época, uma... Foi um período de muita apreensão e muita... Como é que eu diria? É... de certa forma era tristeza mesmo. Não é? De as pessoas... Porque é... enquanto era boato as pessoas estavam empurrando com a barriga, né? Não acreditavam e tal... Então tava levando de boa, aí... Daqui a pouco elas estavam vivendo uma... aquela realidade de realmente ter que... de fazer a mudança, não tinha outro caminho, não tinha outra solução, e havia aí, é... uma incerteza ainda, de certa forma, por parte do governo do estado que não, que não... dava muita expectativa né? Pras pessoas, foi uma briga danada, entre a população, o governo local né? Os vereadores, o prefeito. E o Estado, porque o Estado não queria. O Estado virou as costas para Redenção, não queria é... a mudança. Se fosse por conta do Estado, Redenção teria acabado, assim como Natividade teria acabado. (PP4, homem, jornalista, 61 anos, 2021, *apud*, Pereira, p. 66, 2022).

Nos depoimentos dos sete entrevistados, é relatado que eles não se recordam se houve alguma abordagem oficial para avisá-los da necessidade de se deslocarem, ficaram sabendo por meio dos funcionários contratados para derrubar as árvores e medir os espaços, e com isso o “boca-a-boca” entre os moradores foi a principal forma da disseminação da notícia de que seria necessário a mudança. Como é ilustrado na fala do Participante de Pesquisa 6:

[...] só no boca-a-boca, né? Se tinha alguma coisa no papel eu não me lembro, entendeu? Eu só me lembro do boca-a-boca, o que eles andavam falando né? Até aquela história que eu contei pra você que o pessoal duvidava e chamava o pessoal de louco, que o pessoal tava ficando doido, entendeu? [...] É, muito alto, exatamente. Daí o pessoal mais antigo falava né? Que “da onde que já se viu a água chegava em um lugar como aquele lá. Não ia chega nunca” né? Aquela era a mente do povo que tava pensando que o pessoal tava ficando louco, os que estava medindo. Mas realmente não, era a medição mesmo, tava correta, o que eles estavam fazendo. (PP6, homem, topógrafo, 56 anos, 2021, *apud*, Pereira, p. 88, 2022).

Outro ponto levantado recorrentemente entre os entrevistados, foi a saudade e a descrição detalhada de suas antigas moradas e do centro urbano das antigas cidades, de seus vizinhos, demonstrando uma saudade latente pelo espaço deixado para trás, não por sua opção de se mudar, mas pela incapacidade de se permanecer em suas antigas moradas.

Sinto, falei pra (diz o nome da neta), que de lá eu tenho saudade, pra cá não tenho (cidade nova de Natividade da Serra), mas de lá eu tenho (cidade velha de Natividade da Serra). Nossa, bastante mesmo. É o lugar que nos foi nascido e criado foi pra lá né? Tá loco, vim embora com as minhas crianças pra cá. Muita saudade. (PP5, Mulher, aposentada, 79 anos, 2021, *apud*, Pereira, p. 72, 2022).

PP5 mostra seus sentimentos em relação a falta que sente do antigo lugar e como isso a fez não gostar da construção da Hidrelétrica Paraibuna, ela que era ex-moradora de Natividade da Serra e decidiu se mudar para Paraibuna para começar uma nova vida do zero, mas PP4 em sua fala demonstra a sensação de ter que se mudar de um lugar no qual se está habituado mas com essa mudança abrupta se encontra em um espaço novo, com reminiscências do antigo e sem reconhecer de fato nem seus vizinhos.

É... a convivência foi muito prejudicada, vizinhos de gerações foram separados, você imagina assim, você mora em Paraibuna, nasce no lugar, seu pai de repente nasceu nesse lugar, (que) você nasceu entendeu? Os mesmos vizinhos, a mesma convivência, daqui a pouco você se vê, digamos, quase que entre estranhos, não eram estranhos porque todo mundo se conhecia né? Mas essa convivência com os vizinhos de anos e anos foi quebrada totalmente, entendeu? (PP4, homem, jornalista, 61 anos, 2021, *apud*, Pereira, p. 86, 2022).

A população deslocada pela hidrelétrica Paraibuna não foram realocadas em locais específicos. Sendo assim, muitas pessoas após o deslocamento mudaram de município e perderam contato uns com os outros, mas com as novas tecnologias, as redes sociais se tornou um local de encontro para essas pessoas que passaram a compartilhar fotografias e memórias.

Netnografia, análise das lembranças digitais compartilhadas em Rede Social

Para a ampliação de dados qualitativos, foi utilizado a metodologia da netnografia (KOZINETTS, 2014), para analisar comunidades e culturas *online*. Tendo como foco duas páginas da rede social *Facebook*, que foram criadas e são mantidas por moradores das cidades de Natividade da Serra e Redenção da Serra, tendo como principal conteúdo compartilhado suas memórias dos lugares inundados. As páginas estudadas utilizando a netnografia foram : “Resgatando a História de Natividade da Serra – SP”³ e “Redenção de Todos os Tempos”⁴, páginas descritas como “grupo público” de amplo acesso a quem possui uma conta na rede social. Nas páginas analisadas, são apresentadas principalmente fotos publicadas pela própria página ou por algum usuário, principalmente de alguma paisagem das antigas cidades e que a partir dessa imagem desencadeava uma série de comentários em relação as lembranças desses usuários em relação aquele lugar, ou sobre os donos dos estabelecimentos que também apareciam nas fotos, o que vendiam, quando esses usuários frequentavam aquele ambiente, e descrições detalhadas sobre parte das cidades que não aparece na imagem.

Uma imagem que chama atenção e que foge do padrão das demais imagens, é a fotografia de um desenho nomeado de “Planta do Distrito de Bairro Alto”, que se trata de um antigo distrito de Natividade da Serra que foi inundado e construído um novo em um novo local, próximo ao antigo, se tornando o “Bairro Alto Novo”:

³ https://www.facebook.com/NatividadedaSerra/?ref=page_internal Acesso: 29/09/2025

⁴ <https://www.facebook.com/groups/redencaodetodosostempos> Acesso: 29/09/2025

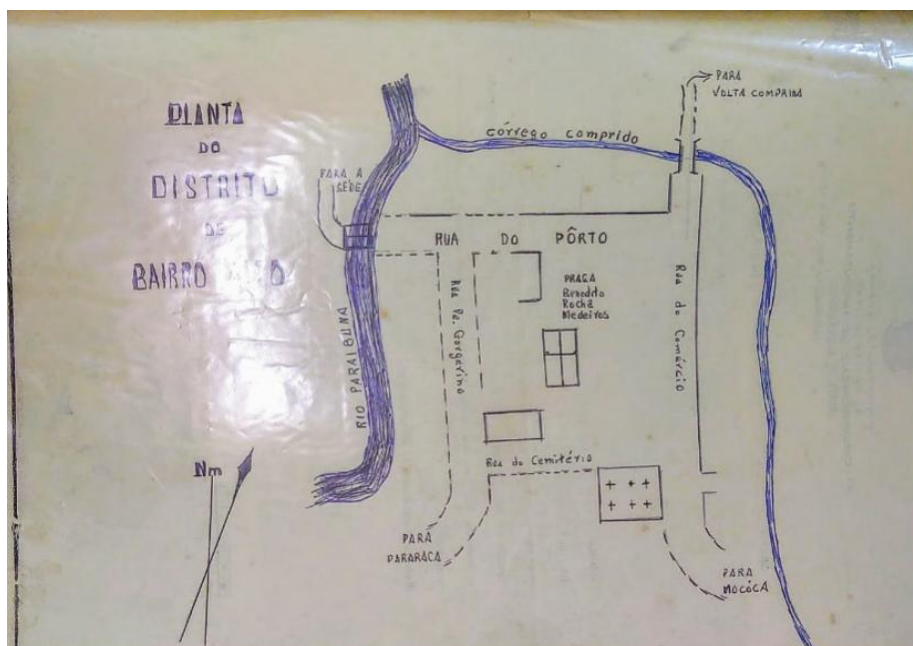


Figura 1: Planta do antigo Bairro Alto em Natividade da Serra – SP. Fonte: Resgatando a História de Natividade da Serra, 2021; *apud* Pereira, 2022

Na imagem, feita a partir da lembrança do morador de como era o antigo bairro, os visitantes das páginas registraram em seus comentários que se recordavam do antigo bairro e anunciavam onde se localizava suas casas a partir da imagem postada e refletem sobre como seria o bairro atualmente se não houve a inundação.

O movimento de se criar um espaço, mesmo que virtual, para se manter vivo a memória desse antigo espaço, já demonstra a importância e a vivacidade das antigas cidades na memória coletiva (Halbwachs, 1968) das pessoas deslocadas e seus familiares. Na figura 2 podemos ver uma fotografia da antiga praça da Matriz de Redenção da Serra, praça que foi citada pelos participantes de pesquisa durante as entrevistas, como um local de encontros e passagem, mas que também traz um grande simbolismo na memória dos antigos moradores.



Figura 2: Fotografia do antigo Coreto da Praça da Matriz de Redenção da Serra SP (Década de 1960). Fonte: Redenção de todos os tempos, 2017; *apud* Pereira 2022

Nos comentários realizados a partir desta publicação foram como: “Coisa linda, é uma pena que hoje só fique na lembrança é uma pena o que fizeram com a nossa querida Redenção Velha.” Lembrando que nesta cidade restou apenas a antiga Matriz e uma rua, tudo que se vê na figura 2 foi destruído pela inundação do represamento.

Outro comentário que chama atenção é: “Saudade desse coreto. Todo domingo eu tomava sorvete aí depois da catequese!!!” demonstrando memórias do cotidiano e familiaridade com espaço e como ele tinha sua função e interação com aquela população. Conseguimos identificar também as memórias por tabela (Pollak, 1992) que os filhos dos deslocados, que por ouvirem diversas histórias de seus familiares também se vinculam com essas paisagens: “Minha mãe e meus tios todos nasceram na cidade velha. E este amor está sendo passado de geração em geração. E amo muito Redenção”, ou seja, a memória por tabela:

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992. p. 2).

Por um Planejamento Urbano que considere a memória como parte importante no processo de realocação

No Brasil o Planejamento Urbano e Regional, segundo Villaça (1999), são à grosso modo a forma do Governo de organizar espacialmente a população, isso ocorrendo primordialmente de uma forma que agrade aos objetivos governamentais do período e não necessariamente de uma forma benéfica a população. Resultando principalmente em uma divisão desigual entre as classes econômicas e sociais.

Para a construção das novas cidades, não foram realizados métodos iguais, as informações sobre como ocorreu foram tiradas apenas das informações fornecidas pelos entrevistados, e foi relatado que em Natividade da Serra, os moradores que possuíam comércio e estabelecimentos se concentraram no centro da cidade e os moradores de Redenção da Serra participaram de um sorteio de lote. E isso ocorreu apenas com os moradores dos centros urbanos do município, os moradores da zona Rural houve aqueles que foram para as cidades novas e aqueles que preferiram ir para outras localidades.

Os entrevistados relataram suas experiências e opiniões sobre a forma da distribuição dos moradores nas novas cidades, primeiro em Natividade da Serra:

Foi uma atitude inconsequente que fizeram, simplesmente, como eu disse, obrigaram as pessoas a saírem, não teve comunicação, a população não ficou

sabendo o que estava acontecendo. Simplesmente quando viram as máquinas já estavam abrindo estradas, as pessoas não acreditavam no que ia acontecer, porque tem lugares lá que tem mais de 40 metro de água sobre o lugar onde eles moravam, então jamais eles pensavam que isso ia acontecer o que aconteceu, e não foram preparados pra isso, não houve ninguém que chegasse e explicasse o que realmente acontecia. (PP2, homem, escritor/professor, 52 anos, 2021, apud. Pereira, p. 101, 2022)

E de Redenção da Serra:

Olha, eu acredito que deveria ter mantido pelo menos os vizinhos mais próximos, porque... já existia toda uma história... na cidade nova, por exemplo, por conta das casas serem maiores, tem mais espaço, essa questão de vizinho assim, ficou parecendo... tipo... uma cidade como Taubaté por exemplo, entendeu? Na cidade velha não, na cidade velha você abria a janela e você já estava na rua, entendeu? Então o vizinho chegava na sua janela a hora que fosse, e tava aberta, a porta era... dava pra calçada, assim, sabe? Aqui não, aqui você já tem a área de espaço antes, né!? As pessoas ficou mais... mais distante uma das outras, então eu acho que, pra que tivesse uma mudança, é... sem muito impacto psicológico para os moradores, acho eu deveria ter colocado as pessoas que moravam na mesma rua, né, ou no mesmo espaço, juntas, na cidade nova. Mas não aconteceu isso porque aqui foi feito em forma de sorteio, então cada um foi sorteado em algum lugar... (PP3, mulher, professora, 53 anos, 2021, apud. Pereira, p. 102, 2022)

A realocação dos moradores que optaram ir para as novas cidades fora organizada pelas prefeituras municipais de Natividade da Serra e Redenção da Serra, não havia planejamento ou experiência de como isso deveria ou não ser feito. Pelos relatos, entende-se que o principal foco das prefeituras naquele momento era manter um município sem a necessidade de se anexar aos vizinhos.

O vínculo com as antigas cidades pode ser visto em seus símbolos municipais como a Igreja Matriz de Redenção da Serra, que possui uma arquitetura que faz uma alusão ao barco, para lembrar que esta nova cidade surgiu a partir da inundação das águas do represamento:



Figura 3: Atual Matriz de Redenção da Serra (sem data). Fonte: Redenção da Serra, 2018

E no Brasão do município de Natividade da Serra, como dispõe a lei nº 1 de 03 de janeiro de 1.977, contendo também a frase: “NONE FLAMMIS SED EX UNDIS SURREXI”, que pode ser traduzida do latim para: “Eu não das Chamas, mas das Ondas eu ressurgi”, possuindo a figura da ave mitológica que renasce das chamas, a Fênix.



Figura 4: Brasão de Natividade da Serra – SP. Fonte: Natividade da Serra, 2018

Considerações Finais

Ao longo do processo de produção desse trabalho com o auxílio das bibliografias levantadas e das investigações realizadas, conclui-se que a principal impacto relatados por aqueles deslocados e seus familiares foi a falta de informação durante todo o processo de deslocamento e a falta de cuidado das autoridades competentes para com as memórias e vínculos que a população tinha com o antigo lugar e com as dinâmicas já estabelecidas socialmente.

O deslocamento não causou apenas um impacto espacial, fazendo com que dois núcleos urbanos fossem inundados e diversas famílias removidas, mas também uma ruptura com aquele espaço herdado de seus antepassados onde se cresceu e desenvolveu e que sem grandes explicações essa população perdeu. Fazendo com que esses moradores vejam as novas cidades como sombras das antigas.

Bibliografia

ASSOCIAÇÃO PRÓ-GESTÃO DAS ÁGUAS DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO PARAÍBA DO SUL - AGEVAP. Plano de Recursos Hídricos da Bacia do Rio Paraíba do Sul: Resumo. Análise dos Impactos e das Medidas Mitigadoras que envolvem a Construção e Operação de Usinas Hidrelétricas Relatório Contratual - R 6 Relatório Final. Rio de Janeiro: Fundação COPPETEC, 2007. Disponível em: <http://www.ceivap.org.br/downloads/PSR-RE-009-R1.pdf>.

BOSI, E. Memória e Sociedade: Lembranças de velhos. São Paulo: Quero, 1979.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Paris: Biblioteca Vértice, 1968.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: Realizando Pesquisa Etnográfica Online**. Porto Alegre: Editora Penso. 2014.

KÜHL, J. C. A. CESP. A COMEPA e o Alto Paraíba. História da Energia Elétrica em São Paulo, n. 5, 1995.

NATIVIDADE DA SERRA. Histórico. Disponível em: <http://www.natividadedaserra.sp.gov.br/index.php/a-cidade/historico>. Acesso em: 30 nov. 2018.

PEREIRA, D. A. **Lugar e Memória: Análise do Impacto Socioespacial do Deslocamento dos Moradores das Cidades de Natividade da Serra e Redenção da Serra em 1973-1974.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, como complementação dos créditos necessários para obtenção do grau de Mestre em Planejamento Urbano e Regional. São José dos Campos. 2022.

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos. v. 2, n. 3, p. 3-15. Rio de Janeiro. 1989.

POLLAK, M. MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL. Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, p. 200-212. Rio de Janeiro, 1992.

REDENÇÃO DA SERRA. **História de Redenção da Serra: Vila de Santa Cruz do Paiolinho. Paraibuna:** Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Cultura, 2018.

VILLAÇA, F. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. In: DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Ramos (organizadores). **O Processo de Urbanização no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.